

A EXPULSÃO DE CAPUCHO

por Mário Soares

Será que o actual Governo é constituído por um partido social-democrata? Não creio que seja. É um partido populista que depende da Troika, dos interesses e dos mercados e em que as pessoas não contam.

Lembremo-nos que o Partido social-democrata foi criado, a seguir à Revolução dos Cravos, por Francisco Sá Carneiro que não acreditava na primavera política inventada por Marcelo Caetano e que foi uma ditadura ideologicamente mais à Direita do que a do próprio Salazar.

Sá Carneiro era um homem de Esquerda que quis que o Partido Social-Democrata que fundou, entrasse na Internacional Socialista. Uma organização política de Esquerda. O que só não aconteceu porque o Partido Socialista Português, criado na Alemanha, em Bad Münstereifel, em 1973 e antes a Acção Socialista, que era um movimento e não formalmente um Partido, estavam lá e não permitiram a entrada do Partido Social-Democrata.

Sá Carneiro era um homem de Esquerda, como bom social-democrata que era. Aliás, na Internacional Socialista, havia partidos social-democratas, como os nórdicos, trabalhistas, como os ingleses, e socialistas como os franceses, os italianos e os portugueses.

Vem isto a propósito da expulsão do Partido, dito social-democrata, de António Capucho. Um acto inaceitável, porque António Capucho foi durante anos, quase quarenta, o número dois de Sá Carneiro e seu constante companheiro e amigo. Foi ministro várias vezes e até de um Governo meu, do chamado Bloco Central.

Conheci-o há quarenta anos e segui o seu percurso político, tendo sempre admirado a sua lealdade a Sá Carneiro e ao PSD. Foi sempre um político respeitado por companheiros e adversários, um social-democrata a sério e convicto, com variadas funções e ultimamente excelente Presidente da Câmara de Cascais, onde realizou um trabalho admirado e respeitado quer por companheiros quer por adversários.

Eis que por ter estado ao lado de um social-democrata em Sintra, não grato ao actual Governo, foi expulso do PSD, sem mais nem menos.

Claro que se trata de uma questão interna do ainda chamado Partido Social-Democrata, mas que dessa expressão não tem nada. E que eu, socialista dos sete costados, não tenho nada a ver com isso. Em termos partidários poderia até regozijar-me. Mas sucede que conheço e sou amigo de António Capucho, apesar de pertencermos a Partidos diferentes. É normal em Democracia que isso aconteça. Por isso me indignei com esta inaceitável expulsão. Que é a prova clara de que o Partido que se diz social-democrata não o é. É um partido populista de Direita, sem outros valores que não sejam os mercados e os interesses. E em que as pessoas não contam, como se tem visto.

De resto, os verdadeiros militantes social-democratas estão calados e a desaparecer como foi visível no último Congresso realizado. O populista, subserviente à Troika, não tem nada a ver com a social-democracia.

A ministra da Justiça

Durante muito tempo quase não falou. Não se percebia o que fazia na qualidade de ministra. Realmente os corruptos andam à solta e tanto o Ministério Público como os Juízes parecem não actuar.

No entanto, nos últimos dois meses, a Ministra começou a falar e ainda pior: a agir. Liquidou vários Tribunais, certamente para ter mais dinheiro - sem que as pessoas contassem, como é próprio do actual Governo, e elaborou ou fez elaborar, uma lei, que os entendidos dizem (eu confesso que não a li nem tenho tempo para tanto) não ter grande qualidade. Mas o pior é que está a destruir os Tribunais, sobretudo na província, deixando as populações visadas em estado de choque. Mas isso, quanto a este Governo não conta porque os que lhes interessa são os mercados, a Troika e o dinheiro que ainda têm para os ministros e os seus apaniguados gastarem.

A Justiça, desde que este Governo governa, sempre esteve mal. Os ladrões do dinheiro do Estado estão impunes por maiores que sejam as faltas e crimes cometidos. Toda a população portuguesa o sabe e os aponta a dedo. Mas a Justiça não age. Nem se atreve a fazê-lo. Porquê? Um dia, quando este Governo cair, tudo se saberá. E de que maneira.

Será que a ministra da Justiça não percebe as responsabilidades que tem assumido e que lhe podem cair em cima, quando menos espera? Admito que sim. Mas devia pensar nisso enquanto é tempo.

A Justiça, com ela no poder não funciona. Tudo passa ao lado. A impunidade dos corruptos é manifesta. É problema de que nunca se fala, nem deve falar. Seria abrir a caixa de Pandora... Nos tempos que correm é coisa que não interessa ao Governo. Embora a Troika e os responsáveis da União saibam seguramente tudo a este respeito, mas não lhes interessa falar disso, enquanto os juros forem altos e o Governo lhes pague e obedeça.

Não conheço pessoalmente a Senhora Ministra. Que me lembre. Mas tenho pena da incapacidade com que está a agradar o Governo a que pertence. Muita coisa com que talvez nem sonhe vai-lhe cair em cima. É inevitável.

Dois Grandes Amigos

A semana passada foi para mim muito interessante porque tive a oportunidade de falar com dois Amigos que há quase dois não via: Sua Majestade o Rei o Rei de Espanha, D. Juan Carlos e o Presidente de Itália, Giorgio Napolitano, de quem fui companheiro durante cinco, quando fomos ambos deputados europeus, em Bruxelas e Estrasburgo.

Ambos me pareceram bem de saúde, o Rei D. Juan Carlos usa uma canadiana, mas ambos muito lúcidos e actualizados sobre os problemas europeus, tão complexos e tão difíceis para os três Estados em causa (por ordem cronológica, Portugal, Espanha e Itália) vítimas do domínio dos mercados e Portugal, da malfadada Troika, que felizmente para Espanha e para Itália não existe. Mas todos dependentes da austeridade, o que vem, praticamente, a dar no mesmo.

Não vos vou dizer, como os leitores seguramente compreenderão, do que falámos. Foram conversas entre amigos de que só vos posso comentar que foram abertas e para mim extremamente oportunas e interessantes. Abordámos a zona euro, o futuro da Europa e a crise em que ainda, todos, nos encontramos. Achei-os extremamente lúcidos e interessantes, encarando o futuro com algum optimismo, apesar da crise em que os nossos Estados estão mergulhados, bem como todos os outros Estados da zona euro, sem a excepção da própria Alemanha.

O Rei de Espanha, mais uma vez o constatei é um grande amigo de Portugal, onde viveu quando era jovem e antes de ser chamado por Franco.

Giorgio Napolitano é um político italiano de enorme prestígio e bom senso, que preside a um Estado extremamente complexo e com um passado que marcou a Europa, como antes a Grécia.

Aliás, de regresso a Itália teve logo a fatalidade, penso eu, de ter de aceitar a demissão do seu Primeiro-Ministro Enrico Letta que porventura será substituído por Matteo Renzi. E com a sombra de Berlusconi, que continua a ter dinheiro e alguma popularidade para ir fazendo das suas...

Por todas as razões e, ainda, por tudo quanto se passou em Portugal, com o Governo eufórico a falar no "milagre" da recuperação, parece que foi o ministro da Economia o autor da expressão, com cada vez mais desempregados, pobres e desesperados, e com discursos contraditórios de Passos Coelho e Paulo Portas, como começa a ser hábito, foi uma semana que me

ocupou e que me obrigou a reflectir, não obstante as ondas gigantes, os ventos fortes e as tempestades quase permanentes.

No meio de tudo isto, foi uma semana em que o Presidente da República se permitiu - pela primeira vez, ao que julgo - criticar o Governo, o que fez subir a sua popularidade, como a sondagem publicada no Expresso, demonstrou.,

Oxalá seja um bom prenúncio. Mas somente depois de visto para acreditar, infelizmente... Mas é certo que criticou, como ficou patente, o ministro Nuno Crato, pela maneira como tem estado a destruir as Universidades e a interromper a política preciosa de investigação científica do tempo de Sócrates e Mariano Gago, isto é verdade. Talvez a presença dos dois meus amigos lhe fizesse bem.

A imparável mortandade síria

Visitei duas vezes a Síria. Um país extremamente interessante e com uma longa história, Damasco, a capital e a costa Mediterrânea de grande beleza. Tive ocasião então de conhecer pessoalmente Hafez al-Assad e o seu filho, Bashar al-Assad, dois ditadores abomináveis. O pai mandou matar milhares dos seus compatriotas e o Filho, que, ao que dizem, sorri nos cemitérios, com esta guerra Síria que se prolonga, já o ultrapassou enormemente em mortandade.

Os Estados Unidos depois do princípio da aliança feita com o Irão, não querem intervir em mais guerras no Médio Oriente. Para tanto bastou Bush no Iraque e o seu aliado português, nos Açores, Durão Barroso.

Sucede que Moscovo é, desde o tempo em que ainda era URSS, aliado da Síria e o seu fornecedor de armas químicas e porventura atómicas. Tive ocasião de assistir a isso, quando a caminho do Líbano, por mar, vindo da Grécia, no tempo de Papandreou Pai, parei numa cidade síria Lataquia, da costa mediterrânea e assisti, altas horas da noite, ao espectáculo de descarregamento de armas pesadas russas, com generais russos fardados, no cais a assistir à operação.

A Rússia sempre foi - e continua, na época de Putin - aliado da ditadura de Bashar al-Assad. Mas a guerra civil tem sido excepcionalmente dura, com mais de 140 mil mortos de um lado e do outro. E não se vê que possa terminar proximamente. Na verdade, entre a ditadura cruel de um lado e os homens da Al Qaeda do outro, é caso para dizer: venha o diabo e escolha...

Barack Obama não quis participar nessa guerra tão feroz. Honra lhe seja. Mas insistiu que fosse a ONU a ter um mediador Lakhdar Brahimi, em Genebra, para negociar um acordo de paz entre as partes em conflito. Não me parece, pelo que tenho lido, que fosse uma boa escolha. O chamado Observatório Sírio dos Direitos Humanos também o não conseguiu.

No Sábado passado o mediador Lakhdar Brahimi como não obteve progressos, resolveu pedir desculpa às partes em conflito, por não ter conseguido o acordo pelo qual lutou. Foi simpático, seguramente bondoso, mas como mediador, absolutamente ineficaz.

A guerra na Síria vai continuar. Por quanto tempo? É difícil dizê-lo. Com a absoluta ineficácia da ONU que agora temos. Cada vez a sua total inacção faz menos sentido. Com tais diplomatas para que serve a ONU? É difícil responder.

O mediador da ONU pediu desculpa às partes em conflito por não os ter conseguido convencer. E a guerra continua com a maior violência, aos prisioneiros de Bashar al-Assad, muitos deles da Al Qaeda - é verdade - arrancam-lhes os olhos e matam-nos em seguida. A Conselheira do Presidente sírio, Bouthina Shaban, em Genebra, quando os jornalistas lhe perguntavam pelas malfetorias do seu Governo, ria-se e não respondia, segundo escreve o Courrier International.

De um lado está a Al Qaeda e os seus apaniguados e as vítimas do Governo que no meio dos bombardeamentos conseguiram fugir, do outro o pessoal do Governo, fiel ao ditador. E a guerra continua porque a ONU não foi capaz de obrigar as partes em conflito, a fazer a paz e pede desculpa pelo seu fracasso. Assim funciona a ONU nos tempos que correm. Não serve para anda e pede desculpa pela sua ineficácia.

Assim vai o Mundo em que hoje vivemos. Um Mundo em guerra em quase todos os Continentes. Sem se saber para quê. E porquê? Sem que a ONU actue para impor a paz nem sequer defender o ambiente que ameaça a Terra. Uma tristeza...

Lisboa, 18 de Fevereiro de 2014